

AS "CONFISSÕES"

Monsenhor ANTONIO PEDRO MISIARA, Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Sorocaba.

I — Introdução

Comemora-se neste ano o 16.º centenário do nascimento de Santo Agostinho, figura impressionante e grandiosa de santo e de gênio. A Faculdade de Filosofia cooperando para o maior brilhantismo intelectual do III Centenário de Sorocaba, com a comissão de Congressos e Conferências, apresenta esta semana de Estudos sobre Santo Agostinho, cujo significado é mais profundo do que se pensa.

Santo Agostinho jamais deixou de interessar vivamente a todos os séculos, mas êle foi chamado "o primeiro homem moderno" (1). Com efeito, não é difícil reconhecer nêle, não somente um precursor, mas um autêntico possuidor do espírito de nosso tempo... "el estudio de San Agustín, es hoy dia seductor más que nunca. Han pasado quince siglos y San Agustín, si se desempolvan un poco sus escritos, es tan de actualidad, que el alma moderna encuentra en ellos todas sus preocupaciones intelectuales y afectivas, a poco que se desprege de la baja materia. Sin duda que entre todos los grandes genios que produjo la anteguedad no hay ninguno tan moderno. Hasta su mismo estilo es cortado, sugestivo, impresionista, sicológico, segun el gusto y moda de hoy" (2).

E' sobretudo nas "Confissões" que se revela plenamente o seu modernismo: "En las confesiones parecemos oír a un hombre de nuestros días, torturado por las mismas ansias de dicha e verdad que experimentamos todos, con una sensibilidad que se repliega sobre si y todo lo associa a su dolor. En ese libro sin verdadero antecedente y sin rival en ninguna literatura, la autobiografia, hasta entonces rudamente esbozada, se perfeciona por una análisis de la consciencia no visto en la anteguedad" (3).

Desesseis séculos depois, ainda nos é possível sentir latejar êste coração admirável. E' que êle, movido por aquela caridade de que embebera sua alma até os mais íntimos refólhos, nos quis fazer esta doação: deixar-nos a si mesmo. As Confissões, êstes treze livros incomparáveis que nenhum homem jamás conseguirá ler (mas ler no sentido de sin-

(1) Pérez (Quintín) — "El primer hombre moderno" — Razon y Fe — Tomo 95, pág. 146, etc..

(2) Colina, op. cit., tomo 91, pág. 401.

(3) Pérez, op. cit. t. 95. pág. 146.

tonizar, compreender), sem chorar, as Confissões não são apenas a história de Santo Agostinho, o seu autorretrato fidelíssimo, o seu testamento sentimental, espiritual, mas um pedaço de si mesmo, o seu mesmo coração. E nós o sentimos palpitar vivo desesseis séculos depois. E' a história de um coração que viveu intensamente a vida, de um coração que caiu até o fundo do abismo e se ergueu até o mais alto do céu.

Admiram-se, é certo, as grandes almas que se elevam pelo heroísmo de suas virtudes, pelo esplendor de suas ações. Veneram-se os grandes santos, os sábios ilustres, os espíritos geniais; amam-se os grandes corações que sentimos pulsar no mesmo ritmo dos nossos dias, aos mesmos combates que enchem de fragor as nossas horas. Homens, é com grande simpatia que contemplamos as obras de nossos irmãos na humanidade e não nos podemos furtar a um amor profundo por este irmão que, tendo escalado o céu, não desdenhou mostrar ter ainda no peito um coração de carne como o nosso e nos pés o pó da terra que pisamos!

Santo Agostinho foi um destes seres privilegiados; realizou em si de maneira admirável o ideal humano, isto é, fez por um trabalho interior aparecer através da ganga bruta da carne, o homem feito à imagem e semelhança de Deus. Daí o encanto irresistível destas páginas genialmente humanas e divinas!

Santo Agostinho é ainda um homem de nossos dias pela época em que viveu. Nenhum homem soube tão bem como ele espelhar o seu tempo, marcar tão profundamente a própria estrutura espiritual, as próprias ações, com o selo de seu século (4). E assim agindo, Agostinho tornou-se presente em nossos dias, porque o seu século, o estranho século V que assistiu a agonia do império romano e o triunfo do mundo bárbaro, não foi mais que uma primeira edição do século XX. Nunca duas épocas históricas tiveram semelhanças tão profundas. Primeiro nas ocorrências políticas. Vivemos agora como então se vivia, a grande crise do ocidente. A civilização torna a atravessar em nossos dias aquele mesmo período de agonia dolorosa. Estamos, talvez, em vésperas de assistir ao saque de Roma. Uma atmosfera pesada, uma inquietação estranha pelo futuro, uma intuição profunda da instabilidade do solo político que pisamos, pairam sobre nosso século! Em segundo lugar, parece-nos atravessar agora um período irremediável de decadência intelectual: como no século V. "La figura de San Agustín, ha escrito Nausbach, se cierne sobre campos tan heterogeneos y sobre periodos culturales tan amplios y complicados y al mismo tiempo com tal claridad y fuerza de vida hasta en nuestros dias como ninguna otra História" (5).

Eis as características da psicologia e da cultura dos contemporaneos de Agostinho e dos homens de nossos dias. Daí a grande atualidade de se estudar a sua vida no seu sentido humano e na sua estrutura espiritual.

(4) Louis Bertrand, pg. 4-13.

(5) Colina, op. cit. pág. 44-45.

II — A Formação

Aurélio Agostinho nasceu em Tagaste, pequena cidade da Numídia, a 13 de novembro de 354. Sua infância decorreu no seio de sua família, composta de sua mãe, Mônica, de seu pai, o pagão Patrício, funcionário municipal e pequeno proprietário campestre, e de dois irmãos.

Nunca se poderá dar demasiada importância a este período da vida de Santo Agostinho. Foi durante êle que se formou o seu coração. Suas obras estão cheias de textos que evocam a decisiva influência de sua primeira infância em tôda a sua vida. Em que consistiu, pois, esta influência?

Em primeiro lugar, o fato mesmo de sua origem racial. Africano, êle recebeu de sua raça tôda aquela herança de caracteres que marcam o filho dos trópicos.

Temperamento ardente e sentimental, violento no amor como no ódio, estuante de vida, incapaz de se limitar, exagerado, enraizado profundamente à terra natal, sonhador contemplativo, poeta e amante da natureza, indolente e heróico a um tempo, — eis nas suas linhas essenciais o caracter do Africano de todos os tempos (6). E eis também, em seus traços principais, o temperamento de Agostinho.

De sua educação familiar, recebeu em cheio na alma aquela antinomia de orientação que vai ser o resumo de toda a sua vida, marcar todos os seus passos, esquematizar a sua história. Filho de um pagão e de uma cristã, sua vida vai oscilar entre êstes dois pólos — o paganismo, e o cristianismo. O esforço inconciente de grande parte de sua vida será o de harmonizar numa síntese ideal êstes dois princípios intrinsecamente inconciliáveis, e será para êle uma festa interior a descoberta do maniqueísmo, conciliação aparente de Cristo com Jupiter.

Relaxação de costumes, moleza, indulgência à satisfação dos baixos instintos, eis o que lhe ofereceu o paganismo por intermédio de Patrício. Amor profundo a Cristo, fé ardente e africana em Deus, sinceridade sem limites, eis a parte que Mônica lhe transmitiu em nome do Cristianismo.

O ambiente em que viveu durante a sua infância não poderia ser mais propício à educação sentimental de um coração como o seu. Ainda hoje, não obstante tôdas as devastações, a natureza das costas setentrionais da África tem um encanto inegalável. E o quanto Agostinho tenha recebido dêste ambiente de belezas naturais, nós o podemos bem aquilatar das páginas admiráveis em que as retrata, ao longo de tôda a sua imensa obra.

Cartago, Hipona, Madauro e Tagaste não lhe fizeram apenas viver minutos inolvidáveis de prazeres visuais. Entraram ainda e largamente em sua formação sentimental, dando-lhe isto que seria um dos caracteres do coração e da obra de Santo Agostinho o amor apaixonado à natureza.

Eis, portanto, em rápidas pinceladas os traços da formação do coração de nosso santo. Passemos agora à dolorosa história de sua perversão.

III — O Desgarramento

Já o dissemos, a vida de Agostinho foi uma luta contínua entre dois princípios: o paganismo no que êle tinha de mais material, e o Cristianismo.

Em tôda esta primeira parte de sua vida independente, coube a palma a Jove. Entregue a si mesmo, durante tantos anos, no meio de uma cidade dissoluta como Cartago, onde fôra completar sua formação retórica; dono, sobretudo, de um temperamento como o seu, nada seria para se admirar se mergulhasse Agostinho loucamente no charco das piores imoralidades.

Vivendo depois de vinte séculos de Cristianismo, por mais desesperadoras que sejam as nossas visões dos descabros de hoje, não podemos fazer a mínima idéia do abismo de degradações e de baixezas morais que encerra êste termo — paganismo (7). Cartago, sobretudo, primava pela sua dissolução. Se de Roma nos falam com tão negras côres os nossos primeiros apologistas (8) e os mesmos escritores pagãos, que não seria a Roma Africana, habitada por um povo que se não sabe conter, por uma raça ardente e já tão naturalmente inclinada para os vícios impuros?

Sejamos justo, porém. Nunca nos esqueçamos de que aqui se trata de Santo Agostinho. E Agostinho foi sempre Agostinho, mesmo nas suas quedas mais lamentáveis. Se é bem verdade que o seu temperamento exagerado o levava a exagerar também no mal, por outra parte, mergulhado no vício, arrastado irresistivelmente aos piores pecados pelo seu temperamento ardente e pelo ambiente corrupto que o cercava, êle conservou sempre um não sei que de elevação interior, de isolamento... O certo é que seu coração a maior parte das vezes não tomava parte nos desgarramentos de seus sentidos desenfreados. Conservava uma certa nobreza...

Basta-nos para o provar, por exemplo, a elevação de suas amizades.

Santo Agostinho nascera para a amizade. São admiráveis as páginas em que êle fala de seus amigos e das deliciosas horas passadas com êles, ocupadas, não em palestras banais ou em diversões vazias, mas na solução dos mais interessantes e vitais problemas de filosofia e de arte. (9).

Três figuras de amigo, sobretudo, participam hoje da glória de Agostinho, pois êle as imortalizou em suas obras: Alípio, (10) Nebrídio (11) e Romaniano (12). Dos três o mais simpático é decerto o primeiro. Foi

(6) Bertrand, op. cit. pág. 79.

(7) Bertrand, 107-111.

(8) Tertull., De pud. 20, 3.

(9) Bertrand, op. cit. 121-123.

(10) Confes. lib. IV, cap. VII-XII.

(11) Confes. lib. IX, cap. III.

(12) Confes. lib. VI, cap. XIV. Vid. Bertrand, 137-149, etc.

o companheiro fiel de tôdas as horas, destinado por Deus a ser o complemento da alma de Agostinho. Cheio de calma e bom senso, tranquilo, ponderado, casto, êle era justamente o oposto da alma ardente e tempestuosa de seu amigo. Quantas vezes o coração de Agostinho, como um albatroz cansado de cortar tantos furacões e de arrostar tantas tempestades, não descera para descansar, sôbre as águas tranquilas do lago sereno desta alma simples e ingênua!

Foi num dêstes dias de dissolução vividos em Cartago, que Agostinho nos deu uma das provas mais comevedoras da imensa sensibilidade de seu coração! E' quando chora a morte de um amigo querido. E é na narração dêste fato que vamos encontrar esta frase deliciosa: "Solus fletus erat dulcis mihi, et successerat amico in deliciis animi mei" (13). E esta outra expressão profundamente humana: "Et ideo forte mori metuebam, ne totus ille moreretur, quem multum amaveram" (14).

A propósito, Santo Agostinho, como todos os grandes corações, tinha o dom das lágrimas. Ele sabia chorar como ninguém (15). Herdára-o, talvez, de Mônica, aquela alma sensibilíssima, cuja presença perfuma como um lírio a história de Agostinho (16). O certo é que, para Agostinho as lágrimas eram como que uma necessidade, e todos os grandes acontecimentos de sua vida estão marcados de soluços. Para êle o maior de todos os martírios era conter dentro de si aquela torrente que se avolumava em seu coração (17).

Outra coisa que sobrenadou no naufrágio moral de Agostinho foi o seu amor apaixonado pela verdade, despertado em seu coração pela leitura do livro "Hortensius", de Cícero (18).

Como tudo, porém, a vida de Agostinho em Cartago foi um abismo de pecados (19), e transferindo-se para Roma alí continuou a mesma vida de vícios (20).

Deus, porém, não deixava de ouvir os gemidos e as orações de Mônica (21).

(13) Confes. lib. IV, cap. IV.

(14) Confes. lib. IV, cap. VI.

(15) Vid. Confes., lib. IV, cap. V — lib. VIII, cap. XII, lib. IX, cap. XII. Cf. etiam Bertrand, op. cit., 131 ss., etc..

(16) Cf. Bougaud, op. cit. — Bertrand, passim.

(17) Confes. lib. IX, cap. XII.

(18) Confes. lib. III, cap. IV — Jolivet, "Saint Augustin et le néo-platonisme chrétien", pág. 21. — Vid. etiam Boyer, Essais, pág. 5-11. "Formation", pág. 30-38. — Etienne Gilson, op. cit., Introd.

(19) Confes. lib. III, lib. IV — Boyer, "Formation", 26-30 — Jolivet, "Saint Augustin", pág. 17-23, etc..

(20) Confes. lib. V, cap. X. — Jolivet, op. cit., pág. 32 ss. — Boyer, "Formation", 47 — Bertrand, op. cit. 173, 186.

(21) Confes. lib. VI, cap. I.

IV — A Conversão

A conversão de Santo Agostinho ao catolicismo se deve situar antes do conhecimento dos livros dos néo-platônicos. Segundo Boyer (22), Gilson (23), Masново (24), Nebreda (25) e outros contra Alfáric (26), Bertrand (27), etc. esta conversão intelectual se verificou quando Agostinho deu o seu inteiro consentimento às verdades apresentadas pela Igreja como reveladas. Isto é de máxima importância para nós, porque nos permite analisar com maior facilidade e compreensão o combate que se travou no coração de Agostinho já convertido. Outra solução dada pelos estudiosos de Santo Agostinho que nos parece indiscutível é a de que o conhecimento da filosofia néo-platônica não teve outro resultado para êle, o nosso santo, que o de lhe dar uma inteligência mais perfeita das verdades já aceitas pela fé, sem lhe trazer nenhum auxílio para o seu trabalho de reação, e, de depuração moral.

Surge aqui, à guisa de esclarecimento o problema se “Santo Agostinho foi ou não cético”. Baronio (29) e outros autores são pela afirmativa. A maioria, porém, dos autores modernos, entre os quais P. Boyer, Gilson (30), Mannucci (31), Wagnereck (32), etc. o negam. Antes de darmos a nossa opinião, examinemos o textos em que Santo Agostinho nos narra a sua fase de “ceticismo”.

Nas “Confissões”:

Liv. V, cap. X: “Etenim suborta est mihi cogitatio prudentiores caeteris fuisse illos philosophos quos academicos appellant, quod de omnibus dubitandum esse sensuerant, nec aliquid veri ab homine deprehendi posse decreverant”.

Liv. V, cap. XIV: “... ea mihi quippe iam desperanti ad te viam patere homini, inanis cura remanserat”.

Ibid., postea: “Itaque Academicorum more... dubitans de omnibus, atque inter omnia fluctuans...”

(22) “Formation”, cap. III.

(23) “Introduction à l'étude de S.A.”, cap. introd.

(24) Op. Cit. supra.

(25) Idem, ibid.

(26) Vd. Nébréda, op. cit. Mannucci, “La conversione di Sant Agostino e la critica recente”, in “Miscelanea Agostiniana”, 1931.

(27) “Saint Augustin”, 199-210.

(29) Cit. Wagnereck, op. cit. in bibliogr., pág. 178, n.o 1. W. Thimme, na sua obra “Agustine geistige Entwicklung in dem ersten Jahren nach seiner “Bekehrung”, pág. 386-391 (ed. Berlin, 1908), diz que santo Agostinho, não só foi cético, mas o foi mesmo até o período dos diálogos de Cassiciaco.

(30) “Introduction à la philosophie de Saint Augustin”, id. pág. 38.

(31) “Saint Augustin et le néo-platonisme chrétien”, cap. sobre Cassiciaco.

(32) “La conversione di Sant' Agostino e la critica recente”. Studi Agostiniani, vol. II, pág. 23-47.

Liv. VI, cap. I: "... et veneram in profundum maris, et diffidebam, et desperabam de inventione veri".

Ibid., post.: "Et invenit me pereclitantem quidem graviter, desperatione inveniendi, dico: indagandae veritatis".

Liv. VI, cap. II: "... qui dubitabam de illis omnibus, et inveniri posse viam vitae, minime putabam".

Liv. VI, cap. IV: "Tenebam enim cor meum ab omni assensione timens praecipitium..."

Ibid.: "Volebam enim eorum quae non viderem ita me certum fieri, ut certus essem quod septem et tria decem sint. Neque enim tam insanus eram, ut ne hoc quidem putarem posse comprehendere, etc..."

Em outras obras:

Na Epist. 1.a (ad Hermogenianum), n. 3: "... mihi abruperim odiosissimum retinaculum quo ab philosophiae ubere desperatione veri, quod est animi pabulum, refrenabar".

Nas *Retractat.*, liv. I, cap. I, n. 1: "... contra Academicos vel de Academicis primum scripsi, ut argumenta eorum... ab animo meo, quia et me movebant, quantis possem rationibus amoverem".

Por outro lado, Santo Agostinho declara positivamente no livro VI, cap. V, das "Confissões": "... nulla pugnacitas calumniosarum quaestionum, per tam multa quae legeram, inter se confligentium philosophorum, extorquere mihi potuit, ut aliquando non crederem te esse, quicquid esses quod ego nescirem, etc.". E depois: "Sed id credebam aliquando robustius, aliquando exilius, semper tamen credidi, et esse te, etc." E ha muitas outras expressões semelhantes em suas outras obras.

Como conciliar estas duas séries de textos? Parece-nos poder solucionar a aparente contradição que ha entre elas da seguinte maneira:

A — Certamente Santo Agostinho nunca foi propriamente cético: I) porque, êle mesmo o confessa, houve sempre algumas verdades essenciais que êle conservou como certas (33). II) porque, como confessou, no cap. XIV, do liv. V, não lhe seria possível aderir a nenhuma doutrina que não fosse cristã (34). III) Por que não procurava propriamente a solução dos problemas fundamentais, tais como a existência de Deus, da providência, etc., mas somente o verdadeiro caminho para Deus, a verdadeira religião.

A conversão de Santo Agostinho ao catolicismo deve-se situar antes do conhecimento por parte dele dos livros néo-platônicos. (Boyer, *Formation*, 13). Provam-no á farta estas palavras: "Edam tibi ut possem,

(33) Ex. gr., *Confes.*, I, VI, cap. V, etc.

(34) *Confes.*, lib. V, cap. XIV.

cuiusmodi viam fuerim cum eo animo quaererem veram religionem, quo nunc exposui esse quaerendam" (35). Às suas dúvidas se limitavam unicamente a "quid sentiendum esset de substantia tua, vel quae via duceret, aut reduceret ad te" (36). Portanto, mesmo que de fato tivesse definitivamente desesperado de encontrar a verdade, neste caso, não poderia ser chamado propriamente *cético*. IV) Além das verdades acima, outras verdades havia que se salvaram, mesmo no seu período mais crítico. "Volebam enim eorum quae non viderem ita me certum fieri, ut certus essem quod septem et tria decem sint. Neque enim tam insanus eram, ut ne hoc quidam putarem posse comprehendere..." (37).

B — Em que consistiu, pois, este fato psicológico que ele chama "desperatio inveniendi veritatis"?

"Verdade", como provamos, é para ele, nos textos acima, sinônimo de caminho para Deus (38).

"Desespero de encontrar a verdade" — Parece-nos definir bem esta atitude de desespero, como um cansaço, desalento, psicologicamente, aliás, bem explicável, dadas as suas recentes desilusões do maniqueísmo, a sua sede de encontrar uma estrada cristã para Deus e a sua presumida certeza de não poder encontrar a verdade no catolicismo. Basta lêr os contextos das passagens citadas para sentir nascer espontaneamente esta interpretação das suas expressões (39).

C — Parece-nos mais adequado o termo "impressões", "tentações" céticas para caracterizar estas posições de dúvida, de desalento, de Santo Agostinho. Se realmente se tratasse de uma opção decisiva pelo ceticismo, ele teria certamente incluído na narrativa da sua conversão a sua libertação desta posição, como o fez a respeito do maniqueísmo, etc.. O que vemos, porém, não é senão a notícia de quedas passageiras na dúvida ou desalento, no modo de agir dos acadêmicos (40). A estas quedas logo segue um período de entusiasmo pela verdade, ou o assentimento a alguma verdade encontrada, o que prova que conservou sempre aberta a alma à recepção da verdade. Ora, isto certamente não pode de modo algum ser qualificado de ceticismo (41).

D — Bem fortes, entretanto, foram estas tentações, como ele mesmo o diz pelos termos empregados para as descrever (42). Por isto, deve ser estudada com grande interesse a solução que ele encontrou para este problema que tanto o atormentou. Além de interessar a quem quiser

(35) De utilitate credendi, cap. VIII, n.º 20.

(36) Confes., I, VI, cap. V.

(37) Confes. I, VI, cap. IV.

(38) De util. cred., cap. VIII, n. 21 — Confes., I, VI, cap. V, etc..

(39) Vid. supra, ad lit. et lege contextum in lib. Confes.

(40) Confes. I, V, cap. XIV.

(41) Confes. I, VI, cap. VI.

(42) Vid. supra, p. 1-2.

conhecer bem a história do pensamento de Santo Agostinho, este estudo tem grande importância para o conhecimento da gênese de uma doutrina original sobre a teoria da certeza que influenciou enormemente em um sem número de pensadores.

V — A solução de Santo Agostinho ao problema da certeza

1) Da narração que Santo Agostinho nos faz de sua conversão, nas suas "Confissões", podemos inferir com certeza que muito antes do seu retiro de Cassiciaco, e, portanto, muito antes que ele tratasse ex-professo da refutação da doutrina néo-acadêmica, já se havia libertado de qualquer adesão mesmo transitória a esta doutrina (43). O seu ato de fé nas verdades ensinadas pela Igreja Católica (44) foi o golpe decisivo contra as suas tentações de ceticismo que o assediavam. Crer na existência da verdade, com efeito, é admitir a possibilidade de um conhecimento certo da verdade.

O primeiro caminho racional, no entanto, que Agostinho descobriu para fugir ao ceticismo, ele no-lo narra no cap. XVII do livro VII das mesmas "Confissões" (45). Conta-nos aí que levado pela filosofia dos néo-platônicos, começou a refletir sobre o próprio fato do seu pensamento e descobriu a existência acima dele próprio de um mundo no qual a sua inteligência hauria a verdade.

2) Entretanto, aqui encontramos desenvolvida em toda sua explicitação a refutação do néo-academicismo. E' nos seus diálogos de Cassiciaco, reunidos nos três livros do "Contra Academicos" que vamos encontrar todo o essencial do pensamento de Santo Agostinho, neste setor (46). O essencial, dissemos, porque é necessário que nos auxiliemos de outras obras suas para poder compreender todo o alcance, sobretudo da parte positiva da sua argumentação. Estudando comparativamente uma e outras, cremos poder reduzir à síntese seguinte os argumentos de Santo Agostinho probativos do valor do conhecimento humano:

a) O fim da argumentação é provar que é possível o conhecimento da verdade (47), ou melhor: o conhecimento certo da verdade. Segundo os néo-acadêmicos (Zenão), o verdadeiro é conhecido como certo, quando ele se apresenta de tal maneira que não possa em nenhum

(43) Vid. Jolivet, "Saint Augustin et le néo-platonisme chrétien", loc. cit. Gilson, "Introduction", pág. 15. — Boker, "L'Idée...", pág. 15. — Portalié, "Saint Augustin, in D.T.C., post in bibliogr., col. 2273.

(44) Vid. Confes., l. VI, cap. V.

(45) "Et inde admonitus redire ad memetipsum, intravi in intima mea, etc." Tal é a interpretação que dá deste texto o P. Boyer, "L'Idée de vérité dans la philosophie de Saint Augustin", pág. 31, n. 1; "Le christianisme et néo-platonisme dans la formation de Saint Augustin", cap. II.

(46) Gilson, "Introduction à l'étude de Saint Augustin", pág. 43. Boyer, "L'Idée de vérité dans la philosophie de Saint Augustin", pág. 28.

(47) Cf. P. Boyer, "L'Idée de vérité dans la philosophie de Saint Augustin", ed. cit. pág. 20 ss.

caso parecer falso (48). Logo, para eles, o critério da certeza seria a evidência objetiva.

b) Para se provar que se pode encontrar a verdade, que se pode ter um conhecimento certo e que não é necessário suspender-se juízo sempre, deve-se provar que há verdades às quais é impossível dar uma aparência de erro (49).

c) Antes, porém, Agostinho se detem em refutar diretamente os néo-acadêmicos, mostrando as contradições grosseiras que existem no seu sistema. Com efeito, diz êle, a doutrina da Nova Academia é contraditória e absurda: I — porque promete a sabedoria, e esta não pode existir no sábio se este não possui a certeza de possuí-la (50); II — porque contraria a tendência natural do homem à felicidade, a qual para o filósofo está, como eles dizem, na posse da verdade. Ora, para um néo-acadêmico é impossível possuir a verdade... (51); III — porque conduz à imoralidade na ação, o que é monstruoso. Com efeito, para agir moralmente o homem deve conformar-se ao seu bem próprio, e, se ele não pode conhecer com certeza este bem, não pode agir moralmente; (52) IV — porque para negar a existência da certeza o acadêmico deve admitir como certa a noção desta. Logo, eis que deve ser admitida ao menos uma certeza. Logo... (53).

d) Passa depois a demonstrar a existência de algumas verdades inegavelmente certas. Tais são: a sabedoria, a felicidade, etc.. Pela dialética podemos adquirir também várias certezas (54), e, além disto, as regras do raciocínio são indubitavelmente certas (55); também o são as proposições matemáticas (56) e o conhecido das virtudes que se exigem para a sabedoria (57).

e) A prova mais forte, porém, que Santo Agostinho aduz para provar a possibilidade da certeza é a existência da intuição intelectual do mundo dos inteligíveis, distinto do mundo dos sensíveis, e donde a inteligência pode auferir a certeza. Os néo-acadêmicos, reagindo contra o materialismo crasso dos estóicos, negaram a possibilidade da certeza, porque esta não é possível aos sentidos. Descoberta, entretanto, a existência do mundo dos inteligíveis e da intuição intelectual, pela qual o espírito pode ali ir buscar a certeza, demonstra-se a possibilidade desta. A intuição da própria existência, do próprio pensamento, são um caso inegável de intuição intelectual no mundo dos inteligíveis. Santo Agos-

(48) *Contra Academicos*, I. III, cap. IX, n. 21.

(49) *Enchiridion*, cap. XX, n. 7 — Cit. Boyer "L'Idée..." pág. 21, n.º 1.

(50) *Contra Academicos*, I. III, cap. IX.

(51) *De Beata Vita*, cap. II, n. 14.

(52) *Contra Academicos*, I. III, cap. XV, n. 34 — cf. Boyer, op. cit. p. 23.

(53) *Contra Academicos*, I. III, cap. IX, n. 21.

De trinitate, I. X, cap. I.

(54) *Contra Academicos*, I. III, cap. XIII — Cf. Boker, op. cit. pág. 28.

(55) *Id. Ibid.*

(56) *Contra Academicos*, I. III, cap. XI, n. 25, etc.

(57) *De libero arbitrio*, I. III, cap. IX, n. 19.

tinho acena esta prova no "Contra Academicos" (58) e a desenvolve plenamente no "De Beata Vita" (59) e nos "Solilóquios". No "De libero arbitrio", parte da existência da mesma dúvida à intuição da própria existência (60). O mesmo pensamento desenvolve no "De vera religione" (61). Mas, sobretudo, o seu pensamento é mais claro e completo no "De Trinitate" (62). Parece-nos, pois, bastante oportuno deter-nos um pouco mais neste célebre texto. O argumento mais corrente dos néo-acadêmicos era o da possibilidade do erro. Quem te diz; propunham eles, que tu que pareces haver descoberto a certeza não enganas? "Fortasse dormis, et nescis, et in somnis vides". "Furis fortasse et nescis; quia sanorum visis simillima sunt etiam visa furentium". A tôdas estas objeções ele opõe, porém, a "intima scientia" da sua própria existência. "Intima scientia est, qua nos vivere scimus, ubi ne illud quidem academicus dicere potest... Visa quippe somniantium simillima esse visis vigilantium quis ignoret? Sed qui certus est de vitae suae scientia, non in ea dicit: Scio me vivere. Sive ergo dormiat, sive vigilet, vivit. Nec in ea scientia per somnia falli, quia et dormiret in somnis videre, viventis est..." "... sed qui furit, vivit". Para ele, não é necessário demonstrar-se o valor do conhecimento em questão, mas basta o próprio fato de conhecer que fiquem desfeitas as objeções: "Nec contra academicos dicit: Scio me non furere; sed: scio me vivere... etc." Examinando este texto, podemos observar que a intuição da própria existência não é para Agostinho uma como fonte de que dimanam tôdas as outras certezas, mas é como a primeira picada aberta, uma verdade certamente adquirida que mostra não ser impossível a aquisição da certeza.

f) Seguindo o método do P. Boyer (63), examinemos agora uma questão de importância para a compreensão do pensamento do Santo Agostinho: Colocando a certeza ao alcance da intuição intelectual no mundo dos inteligíveis, nega Santo Agostinho que se a possa adquirir também por meio dos sentidos? Parece que sim, no "Contra Academicos" (64), mas no sentido que os estóicos dão ao caso, isto é, de que os sentidos por si mesmos podem dar a certeza (65). A inteligência, porém, pode servir-se dos dados dos sentidos para adquirir certeza. E' o que nos diz na Epístola 13, n.º 3-4 (66), controlado, entretanto, pela inteligência (66a). Logo, quer adquirida pelo testemunho, quer pelos sentidos, a luz que ilumina a certeza vem sempre do mundo dos inteligíveis (67).

(58) Contra Academicos, l. III, cap. IX, n. 19.

(59) De Beata vita, cap. II, n. 7.

(60) L. II cap. III, n. 7.

(61) C. 39, n. 73.

(62) L. XV, cap. XII n. 21.

(63) Boker, op. cit. pag. 41-44.

(64) L. III, cap. II, n. 26.

(65) Boyer, id. pag. 42.

(66) Ibid. 43-44.

(66a) Ibid. 43-44.

(67) Ibid. 43-44.

Dados estes esclarecimentos, abramos sem mais preâmbulos o livro VIII das "Confissões". "Vós me leváveis a Ambrósio sem eu o saber, para ser por ele concientemente levado a Vós". Liv. V — 13.

A) AS DIFICULDADES: o nosso Santo já havia dado seu assentimento à doutrina da Igreja (68). Tôdas as suas dúvidas e mesmo tôdas as suas dificuldades metafísicas (69) já se tinham dissipado com a leitura das obras dos néo-platônicos. (70) Restava-lhe agora o trabalho mais difícil: viver segundo sua nova fé (71).

E era muito o que tinha para amputar em sua vida, para cortar na carne viva de seu coração (72).

Agostinho tinha trinta e três anos. Estava assim na plena exuberância de sua virilidade. Vivera até ali uma vida de dissoluções inimagináveis. E o quanto é difícil arrancar-se dos laços de um hábito pecaminoso enraizado, sabe-o bem quem tenha o mais rudimentar conhecimento de psicologia.

Não se deve esquecer ainda que aqui se trata de Agostinho, temperamento ardente de africano.

Ele mesmo nos havia contado no livro anterior (73) como lhe havia sido absolutamente impossível arrancar-se dos laços de uma ligação pecaminosa, nem mesmo substituí-la dentro de pouco tempo por uma ligação legítima (74).

Parecia, pois, humanamente impossível uma renúncia total de Agostinho aos prazeres carnaís. E o era de fato. Sômente um milagre da graça o poderia salvar...

E' certo que se ele houvesse querido limitar ao mínimo requerido pela sua nova condição de cristão, ter-lhe-ia sido mais possível a pequena transformação exigida em sua vida moral (75). Agostinho, porém, não se contentava com tão pouco. Para ele havia apenas duas atitudes possíveis: ou tudo ou nada! Renunciar a tudo, que para a mediania cristã não passava de um conselho de perfeição, para ele era uma exigência natural da fé abraçada.

Eis, portanto, o seu programa: abster-se para sempre dos prazeres sexuais e crucificar inteiramente o seu orgulho e as suas ambições humanas, mais legítimas fossem estas (76).

B) OS PRIMEIROS COMBATES — O primeiro instrumento de que Deus se serviu para arrancar do lôdo êste grande coração foi Sim-

(68) Confes. lib. VI, cap. V.

(69) Jolivet, op. cit. 83-101.

(70) Jolivet, op. cit. 103-109.

(71) Confes. lib. VIII, l.

(72) Ibid.

(73) Ou, melhor, no livro VI, cap. XV.

(74) Confes., lib. VI, cap. XIII.

(75) Confes. VIII, L.

(76) Ibid.

(77) Confes. Lib. VIII, cap. II.

(78) Ibid. et esq.

pliciano, velho sacerdote milanês (77). Agostinho vai visitá-lo. Conta-lhe minuciosamente a história dos seus pensamentos, as suas lutas, e seu ideal de perfeição e a barreira intransponível que se lhe antolhava, dada a ardência indomável de suas paixões e o orgulho de seu espírito.

Simpliciano fala-lhe então de Vitorino (78), célebre orador de Roma, o qual, depois de combates tremendos, se havia definitivamente desgarrado dos laços humanos e se consagrado inteiramente a Cristo, fazendo uma ruidosa e edificante profissão pública de fé (79).

Este exemplo de generosidade exalta Agostinho (80). Ele porém, não se sente com coragem para se resolver de vez. Como alguém a quem se vai despertar e que, incapaz de se decidir a se levantar, pede com voz sonolenta ainda um minuto de sono, o coração de Agostinho murmurava: "ainda um instante! ainda um instante!" (81).

E aquele instante se eternizava, pondo em desespero a alma de Agostinho: "agebam solita crescente an exietudine et quotidie suspirabam tibi" (82).

Entregava-se com ardôr à oração, pedindo ao céu a coragem que lhe faltava para o ato decisivo (83). Mônica, o doce anjo da guarda daquela alma ardente (84), rezava de certo para que Deus completasse nesta a ação salvadora de sua graça (85).

C) A LUTA DECISIVA — Ponticiano, antigo proconsul de Cartago e cristão fervoroso, vem visitar Agostinho (86). Um volume das epistolas de São Paulo sôbre a mesa dá-lhe ocasião de falar sôbre a vida dos monges da Tebaida, generosamente consagrada à oração e à penitência. Acrescenta a isto a narração do exemplo de dois jovens e ricos funcionários do Imperador que se haviam arrancado também, pelo exemplo dêstes monges, a todos os prazeres e honrarias do século, consagrando-se por completo à vida monástica (87). Nada melhor para convencer do que um exemplo concreto. Aquela narração abalou profundamente a alma de Agostinho. Datava daquele instante a crise mais dolorosa e mais viva da história do Santo. Vai começar neste momento a subir o Calvário, para encravar na cruz da renúncia o seu ardente coração. Sigámo-lo passo a passo nesta estrada dolorosa.

(79) Ibid.

(80) Confes. lib. VIII, cap. V.

(81) Confes. Lib. VIII, cap. V, 3.

(82) Confes. lib. VIII, cap. VI.

(83) *Frequentabam Ecclesiam tuam, quam tum vocabat ab eis negotiis, sub quorum pondere degebam.* Confes. lib. VIII, cap. VI.

(84) Ninguém consegue, de fato, ler as Conf. sem se deixar apaixonar por esta figura sublime de mãe. Santo Agostinho confessa dever-lhe a vida, não apenas a corporal, mas mesmo a espiritual.

(85) "Cuius precibus indubitantes credo atque confirmo mihi istam mentem Deus dedisse, ut inveniendae veritati nihil omnino praeponam, nihil aliud velim, nihil cogitem, nihil amem". *D ordine*, I, cap. XX, n. 52. "Cuius meriti credo esse omne quod vivo". *De beata*, cap. I, n. 6 etc.

(86) Confes. lib. VIII, cap. VI.

(87) Ibid.

Falava ainda Ponticiano, e Agostinho já sentia a cabeça em fogo. Havia-se como que levantado o véo que lhe encobria aos olhos as misérias de sua vida: “et constituebas me, conta ele, ante maciem meam, ut viderem quam turpis essem, et quam distortus, sordidus et maculosus, et ulcerosus. Et videbam, et horrebam, et quo a me fugerem, non erat. Et si conabar a me avertere aspectum, narrabat ille, quod narrabat. Et tu me rursus opponebas mihi, et impingebas me in oculos meos, ut invenirem iniquitatem meam, et odissem” (88).

Sua vida inteira, as graças desprezadas, os horrores de sua adolescência e de sua mocidade, tudo isto passava com um realismo crú deante de seus olhos: “Ita rodebar intus, et confundebam pudore horribili vehementer, cum Pontitianus talia loqueretur” (89).

Quando Ponticiano se retirou, havia deixado fumegante em seu coração a centelha que faria explodir o dinamismo redentor de sua alma. A luta decisiva recrudescer em seu interior.

“Tum, narra Agostinho, in illa grandi rixa interioris domus meae, quam fortiter excitaveram cum anima mea, in cubiculo nostro, corde meo, tam vultu quam mente turbatus, invado Alipium, et exclamo: “Quid patimur? Quid hoc audisti? Surgunt indocti et coelum rapiunt, et nos cum doctrinis nostris sine corde, ecce ubi volutamur in carne et sanguine” (90).

Retirou-se o nosso santo ao pomar da casa, buscando isolar-se de tudo e de todos e deixar completa liberdade à sua alma de continuar naquele combate tremendo. Alípio, porém, o segue, “pé ante pé”, sem que ele dê por isto.

A face mergulhada entre as mãos, Agostinho reflete profundamente. Arrasta sua vontade rebelde ante o tribunal da razão e a interroga, tortura-a, exige dela uma solução racional. (91).

O laço, porém, que amarra o espírito à carne não se rompe assim com tanta facilidade. A luta pela liberdade continúa, pois, cruel dentro d'ele (92). A carne, fera selvagem, jamais até então aguilhada pela razão insurge-se agora às primeiras chicotadas do espírito (93).

Novos esforços, novos recuos (9).

E' que o retinham os velhos hábitos de pecado: “Retinebant me nugae nugarum, et vanitates vanitarum, antiquae amicae meae, et succubiebant vestem meam carneam, et submurmurabant: Dimittisne nos? Et a momento isto non tibi licebit hoc et illud ulstra in aeternum?” (95).

Que terríveis aqueles momentos para Agostinho!

(88) Confes. lib. VIII, cap. VII.

(89) Ibid.

(90) Confes., lib. VIII, cap. VII.

(91) Ibid. n. 3.

(92) Confes. lib. VIII, cap. VIII-IX-X.

(93) Confes. lib. VIII, cap. XI.

(94) Ibid., infra.

(95) Ibid., n. 2.

A tentação empregava seus últimos, seus mais subtis recursos para impedir que lhe escapasse aquela alma ardente (96).

Esta, porém, já se não deixava seduzir mais tão facilmente. A estas palavras desalentadoras êle opunha o exemplo de tantas almas que haviam saído vitoriosas e felizes de combates semelhantes (97). Procurava desenrolar ante os olhos tôdas as promessas de Deus às almas que renunciavam à carne (98). E a luta continuava tremenda dentro dêle.

Alípio, a seu lado, aguardava silênciosamente o resultado daquele combate (99). Consciente do seu papel de satélite daquele grande planeta, êle compreendia bem que naquele momento alí se jogava também a sua sorte (100).

Vem agora a crise definitiva para a alma de Agostinho.

Ele sente a sua alma incapaz de dar uma solução decisiva e generosa ao seu caso interior (101). E chora como um desesperado (102).

Não podendo nem mesmo suportar a presença de Alípio, foge para mais longe (103). Desfaz ali seu coração em lágrimas, e, no meio daquela tempestade de soluções, sua alma humilhada só encontra estas palavras para erguer a Deus: "Até quando, Senhor, estarás irado comigo? Esquece, ó Senhor, os meus pecados; apaga de tua memória o meu passado!" (104). "Dicebam haec, narra, êle, et flebam amarissima contratione cordis mei". E, como Deus não despreza um coração contrito e humilhado, não deixou de atender a oração humilde e dolorosa de Agostinho. Fez-lhe ouvir uma voz infantil que cantava: Tolle, lege! Tolle, lege! (105). Milagre? Fato natural? Agostinho mesmo não o sabe dizer (106). O certo é que êle se recordou de que Antão, o santo monge do Egito, cuja história tinha sido a centelha que acendera nêle aquele incêndio salutar, se havia liberto dos laços da carne com a leitura de um texto das sagradas Escrituras (107).

Corre, pois, ao lugar onde momentos antes havia deixado Alípio estupefato, e encontrou alí o seu livro predileto — as epístolas de São Paulo. Abriu-se, e leu as primeiras palavras que lhe caíram sob os olhos:

(96) Ibid., infra.

(97) Ibid., n. 3.

(98) Ibid. infra.

(99) Ibid. infra.

(100) De fato, Alípio sempre acompanhou o exemplo e a orientação de Agostinho. Esta definitiva conversão desta vai significar também a sua. Vid. op. cit. seguinte.

(101) cap. XII.

(102) "... oborta est procella ingens, ferens ingentem imbrem lacrimarum".

ibid., n. 1.

(103) Ibid., infra.

(104) "Et tu, Domine, usquequo? etc. Infra Ps. VI, 3, LXXVIII, 8.

(105) "Et ecce audio vocem de vicina domo, cum cantu dicentis et repentis, quasi pueri an puellae, nescio..." Infra.

(106) Santo Agost. parece inclinar-se para a sobrenaturalidade do fato: *Statum mutato vultu, intentissimus cogitare coepi, utrumnam solerent pueri in aliquo genere cantare tale: nec occurrebat omnino audivisse me uspiam*". Ibid., infra.

(107) "Audieram enim Antonio..." Infra.

“Non in comessionibus, et ebrietatibus, non in cubilibus et impudicitiiis, non in contentione et emulatione, sed induimini Dominum Iesum Christum, et carnis providentiam me feceritis in concupiscentiis vestris” (108).

Eis alí claramente exposta a vontade de Deus a seu respeito. Eis o que Deus exigia dele.

Um ato decisivo de vontade coorou êste combate terrível (109). Agostinho estava livre. Finalmente livre.

E a paz desceu como um arco iris, colorindo o céu tranquilo de seu coração liberto. Agostinho de Tagaste começava a ser Agostinho de Hipona. Aurélio Agostinho principiara a ser Santo Agostinho.

Em que consistiu, porém, esta conversão de vontade?

Em primeiro lugar, numa decisão irrevogável de se abster para sempre e completamente dos prazeres carnaís, mesmo legítimos (110). Depois, no abandono integral de tôdas as ambições humanas, mesmo as mais justas (111). Ser, enfim, inteiramente de Deus, no pensamento como na ação. Não basta, porém, uma decisão enérgica em matérias tais para que tenhamos logo em nossas mãos os fios todos da realização dos nossos belos propósitos. Contudo, é já grande parte do caminho andado, e, quando se trata de almas como a de Agostinho, a certeza moral de seu inteiro cumprimento. Foram bem duras decerto as lutas que ele teve que travar contra os hábitos pecaminosos mais do que enraigados em seu coração. Agostinho, porém, não voltava atrás. Por isto, mesmo no meio dos maiores combates êle já poderia cantar o hino da vitória!

D) O CANTO DE UM CORAÇÃO LIBERTO — O primeiro capítulo do livro IX das “Confissões é como um arco-iris depois das tempestades narradas no livro anterior.

“Onde se escondera, diz ele, por tão dilatado tempo o meu livre arbítrio, e de que secreto esconderijo foi ele trazido num instante à luz, para curvar ao teu julgo suavíssimo e os ombros ao teu pêso levíssimo, ó Jesus, meu redentor e salvador? Quão suave me parece agora faltarem-me os prazeres daqueles sedutores nadas! Aquilo que me parecia um horror perder é agora para mim um prazer renunciar. Tu as arrancavas de mim, Tu que és a verdadeira suavidade. Tu as arrancava de mim e entravas Tu mesmo, Tu que és mais doce que todos os prazeres, para ocupar dentro de mim o lugar deixado vazio por estas ridículas ninharias. “Minha alma já está livre dos opressores cuidados das ambições mesquinhas e de ter que farejar o nauseabundo prurido da lepra da impureza; ó, como é grande a minha alegria em Ti, que és a minha

(108) Roman. XIII, 13.

(109) “Nec ultra volui legere, nec opus erta. Statim quippe cum fine huiusce sententiae, quasi luce securitatis infusa cordi me omnes dubitationis tenebrae diffugerunt.” *Infra*, n. 3.

(110) “Convertisti enim ita me ad te, ut ne uxorem quaererem...”

(111) “... ne caliquam spem saeculi nullus...” *Ibid.*

claridade, a minha riqueza e a minha salvação, ó Senhor e Deus meu! (112).

Muitos anos depois, foi certamente a pensar em sua própria história que ele escreveu esta página admirável: "porque, porque hesitas em dar-te inteiramente a Deus? Será, talvez que temas perder-te? Amigo, tu te perdes, sim, mas é porque não te dás inteiramente. A própria Caridade te fala pela boca da Sabedoria e te assegura contra o terror que te inspiram estas palavras: "Imola-te a ti mesmo! Se alguém te quizesse vender um terreno, dir-te-ia: Dá-me o teu ouro! E, para um outro objeto qualquer: Dá-me o teu dinheiro! Pois bem; Deus te quer vender a felicidade e te diz: Meu filho, dá-me o teu coração! Teu coração não é feliz quando ele depende de ti, quando ele é teu, porque está amarrado pelas frivolidades, pelos amores impudicos e perniciosos. E' daí que precisas arrancar o teu coração. Para onde o levar, porém? Onde colocá-lo? Dá-me o teu coração, diz a Sabedoria. Se ele for completamente meu, ele te pertencerá para sempre e tu serás feliz! (113)".

Terá sido pensando nesta mesma história que ele pôs no limiar das suas "Confissões" esta frase que é bem a síntese da sua vida: "Fecisti nos, ad Te, et irrequietum est cor nostrum donec requiescat in Te!" (114). Esta frase, que a frequente repetição, (muitas vezes bem pouco a propósito), tornou já corriqueira e banal, como esta frase tem um sentido profundo para quem conhece a trágica aventura do coração que a compôs!

VI — Conclusão...

No instante do seu retorno ao seio amoroso de Cristo, pela deposição integral de sua alma no altar do sacrifício, ele não se desvestiu da própria personalidade para tomar uma nova. Sua transformação interior não consistiu senão numa nova orientação da sua vida. Ele compreendeu bem cedo que Cristo não exigia dele a morte daquele coração ardente, causa de tanto desgarramento, mas também capaz de tanta abnegação e de tanto amor,. Exigia-lhe, sim, o sacrifício daquilo que tinha sido até ali o objeto indigno de tanta afeição. Exigia-lhe um novo objeto, infinito também ele, para aquela capacidade infinita de amar de que estuava, de que parecia como que explodir a sua alma inflamada.

A conversão não deshumanizou, pois, aquela alma excepcionalmente humana, mas deu-lhe um novo sentido, mais vivo e mais profundo, de humanidade.

Deus que formou o coração do homem, não o força à amputação

(112) Confes., lib. IX, cap. 1.

(113) De beata vita, III, 1.

(114) Confes., lib. I, cap. 1.

(115) Confes., lib. I, cap. 1.

constante de seus legítimos pendores naturais. Nem Ele, que nos creou para a felicidade, quis ter agora o direito de exigir de nós esta destruição inatural de nós mesmos. E isto que em teoria nos parece tão evidente, é muitas vezes causa, por ignorado, de que tantas almas tremam diante do sacrifício de si mesmas. Que o exemplo de Agostinho lhes ensine afinal que o que Deus quer, repitamo-lo não é a destruição do nosso coração, mas a orientação completa de nossa vida sentimental para a sua verdadeira e natural objetividade. E em troca desta oblação generosa daquilo que nós procuramos substituir pelo real objeto de nossas afeições, Deus nos promete aquilo que buscamos em vão, longe dos seus caminhos — a Felicidade.

Santo Agostinho, o ser mais humano que jamais tenha passado ou passará jamais pela nossa existência, escreveu com a sua vida, com o sangue de seu coração esta frase admirável que é para nós um aviso, um estímulo e um programa: "Fecisti nos ad te; et inquietum est cor nostrum donec requiescat in TE!"